

RUBEM BRAGA

Entreguismo

PEGUEM qualquer um daqueles mil artigos que o nosso bom poeta Augusto Frederico Schmidt escreve no «Correio da Manhã» sobre o capital estrangeiro e aí está o discurso que o nosso presidente fez em Ribeirão Preto. Só falta aquele gôsto patético do poeta. A lenga lenga é a mesma; o que não é a mesma é a posição do orador. Schmidt é um homem de negócios ligada a capitalistas estrangeiros, e tem todo o direito de defender ao mesmo tempo seus interesses o seu ponto de vista, de cuja sinceridade não duvidamos. O sr. Juscelino é algo de mais grave, é presidente da República.

Ora, a esta altura dos acontecimentos o presidente de uma República como o Brasil não tem mais o direito de falar de uma maneira tão primária e unilateral sobre o capital estrangeiro. Atacar o «nacionalismo exclusivista» está certo; dizer que necessitamos «de capitais, de técnica, de experiência vindo de fora», está certo. Mas afirmar que «não temos a temer que nos explorem» é forte demais. Isso é jogar na cesta de papéis sujos a carta que o sr. Getúlio Vargas assinou antes de se matar. E negar a experiência de toda a História do Brasil, a evidência de um fenômeno político-financeiro-econômico de amplitude mundial e de importância fundamental. Governar um país do tipo do Brasil com essa mentalidade é condenar todos os esforços que os melhores valores de nossa elite vêm desenvolvendo para conquistar a emancipação do país.

Nenhum economista, nem um homem de simples bom senso ignora que precisamos do capital e da técnica de fora. O problema fundamental de nossa política é exatamente determinar como e onde podemos obtê-los em melhores condições, de maneira a que eles venham nos ajudar a estruturar a nossa emancipação econômica e não a explorar nossos recursos naturais e a força de trabalho de nossa pobre gente. Fechar a Liga de Emancipação Nacional dominada ou não pelos comunistas (nunca fui lá) mas, de qualquer modo, lutando contra as manobras imperialistas, e vir depois afirmar que «não temos a temer que nos explorem» é adotar o entreguismo puro e total. Se não temos a temer que nos explorem, para que a Petrobrás? Não sejamos palhaços, vamos entregar logo tudo isto à Standard, que tem capital e técnica para dar e vender.

Fala-se agora em fechamento da imprensa comunista. Isso me cheira completamente mal. Essa imprensa existe há muito tempo, exprime um pequeno setor da opinião pública e de maneira alguma está ameaçando nem de perto nem de longe a estabilidade do regime. Já não quero me referir ao fato confessado de haver o atual presidente subido ao poder graças aos votos comunistas. Que se volte contra eles agora é, me desculpem a terrível expressão, normal. Normal do ponto de vista do amoralismo político, que os comunistas também adotam; eles podem estar zangados, mas não acreditam que estejam surpresos, a não ser que sua direção seja um grupo de patetas. Mas aqui não é uma questão de ética, é uma simples questão de direito: o governo não tem o direito de envolver em suas manobras as liberdades públicas, uma das quais é a liberdade de imprensa.

Estou com o pé no estribo para um galeão à Argentina e outros países vizinhos. Não vou visitar povos felizes nem países de vida fácil e tranquila; este canto de planêta anda mal; mas garanto que não terei saudade nenhuma de nossa política: ela mergulha outra vez nos velhos, cansados caminhos da reação e do entreguismo, com a mais completa melancolia e a mais perfeita mediocridade. Divirtam-se, meus senhores, e até a volta.